

## UM DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO NAS EPÍGRAFES DE *INOCÊNCIA*

Rita Felix Fortes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste estudo objetiva-se analisar como Visconde de Taunay, nas epígrafes do romance *Inocência*, dialoga com a tradição literária e filosófica da Grécia Antiga à contemporaneidade romântica, bem como a relação entre as epígrafes e o enredo da obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Inocência*; epígrafes; tradição

**ABSTRACT:** This study aims at analyzing how Visconde de Taunay, in the epigraphers of the romance *Inocência*, to dialogize with the literary and philosophic tradition since the antique Greek to the romantic contemporarily, and how the epigraphers are linked to the history.

**KEYWORDS:** *Inocência*; epigraphers; tradition

*Inocência* (1872), romance de Alfredo d’Escragno Taunay – Visconde de Taunay – “é, talvez, o produto mais equilibrado da nossa última ficção romântica”. (REIS, *apud* TAUNAY, 1991, p. 5). Este equilíbrio resulta – a despeito da intensidade da paixão entre Inocência e Cirino, os protagonistas da história, que, bem ao gosto romântico, morrem por amor – de uma leitura cuidadosa dos costumes regionalistas, descritos com objetividade e uma verossimilhança que se aproxima da prosa realista, a qual passaria a predominar na Literatura Brasileira a partir do último quartel do século XIX.

Os trinta capítulos que compõem o romance são precedidos por epígrafes, nas quais o autor dialoga com a tradição literária ocidental da Grécia Clássica, passando pela Bíblia, e chegando ao Romantismo europeu. Essas epígrafes estão estreitamente vinculadas aos principais temas abordados em cada capítulo e, a um leitor atento, elas podem antecipar não só os temas, como a evolução da história, o desenlace trágico da obra e a romântica perenização do nome da protagonista para além da morte.

Esta recorrência à tradição literária ocidental, pode, *a priori*, estabelecer um pacto entre Taunay e os leitores mais eruditos: os poucos no Brasil imperial que tinham tal erudição. Ao público menos erudito, formado, especialmente, por leitores dos recentes folhetins, a

---

<sup>1</sup> Professora do Mestrado e do Curso de Graduação em Letras – Campus de Marechal Cândido Rondon – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná .

correlação entre os capítulos e as epígrafes deve ter passado despercebida, no entanto, deve ter conferido um certo tom enigmático à obra, além de desvelar a erudição de Taunay. Este expediente de dialogar com a tradição sempre foi – e continua sendo – uma constante na literatura.

## UM DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO

As epígrafes do primeiro capítulo do livro, cujo título é *O sertão e o sertanejo*, são retiradas de *Fausto*, obra do romântico alemão Goethe, e do pré-romântico francês J. J. Rousseau e ambas estão perfeitamente articuladas à história como um todo e ao capítulo de forma específica.

A alusão a Goethe remete às forças secretas da natureza que conspiram para que, acidentalmente, Cirino encontre Pereira, o pai de Inocência, e, em virtude deste encontro, desvie do seu caminho. Este desvio implicará a sua morte. No entanto, no momento em que o encontro acontece, ele parece uma bênção e não a maldição subliminar que, de fato é, episódio que lembra a muito citada fala de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, “Viver é muito perigoso”. (ROSA, 1980, p. 16). O tema de Guimarães Rosa, assim como o de Goethe – retomado por Taunay – remete às forças do mal que podem subjazer às escolhas humanas, visto que, ao longo da travessia humana, os rumos podem mudar e um bem pode converter-se em mal, “como a mandioca-doce pode de repente virar azangada (...) vai amargando de tanto em tanto de si mesma toma peçonhas”. (ROSA, 1980, p. 11-2).

É esta capacidade de o bem perder o rumo e converter-se em mal, que o desenrolar do romance confirma e que, em certa medida, é prenunciada pela epígrafe. “Todos vós bem sentis a ação secreta/ Da natureza em seu governo eterno”. (GOETHE, *apud* TAUNAY p. 9)<sup>2</sup>. A bênção inicial para Quirino; que viaja pelo sertão em busca de clientes, para Pereira; que precisa de remédio para curar a filha, atacada pela maleita; para Inocência; e, também para Manecão, outra vítima desta trama oculta, que ninguém, conscientemente, urdiu – é, de fato, uma força subterrânea a tecer a tragédia das personagens.

A segunda epígrafe do primeiro capítulo estabelece uma correlação precisa com a idealização rousseana a respeito da natureza enquanto perfeição, ainda intocada pelas máculas da civilização. A descrição da paisagem no romance situa-se espacialmente na região

<sup>2</sup> Todas as citações de *Inocência*, bem como das epígrafes transcritas neste texto, foram extraídas de: VISCONDE DE TAUNAY. *Inocência*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1991.

limítrofe entre Mato Grosso – onde se passa a história – Minas Gerais, São Paulo e Goiás, região ainda parcamente povoada no século XIX. A descrição fidedigna do narrador parece ter saído de uma idealizada página de Rousseau.

Então com passo tranqüilo metia-me eu por algum recanto da floresta, algum lugar deserto, onde nada me indicasse a mão do homem, me denunciasse a servidão e o domínio; asilo em que pudesse crer ter primeiro entrado, onde nenhum importuno viesse interpor-se entre mim e a natureza (ROSSEAU, *apud* TAUNAY, p. 9).

Comparando-se a descrição acima, resultante do desejo do pré-romântico francês de poder usufruir do contato com a natureza de forma direta, sem interferências da civilização, fica evidente que o que Rousseau sonhara, as personagens de Taunay vivenciam, apenas com a diferença que estas não têm plena consciência deste privilégio. No entanto, o narrador a tem.

Costa extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província do Mato Grosso a estrada que da Vila de Sant’Ana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. (...) rareiam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminham-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao retiro de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões (p. 9).

A primeira epígrafe do segundo capítulo, do teatrólogo francês La Chaussée – autor dramático, considerado o verdadeiro criador do drama burguês – reporta ao prazer da tagarelice humana. “Tagarelar é o encanto e a alma da vida”. (LA CHAUSSEÉ, *apud* TAUNAY, p. 15).

Este também é o tema da segunda epígrafe, transcrita de *D. Quixote*. “Comigo, respondeu Sancho, meu primeiro movimento é logo tal comichão de falar que não posso deixar de desembuchar o que me vem à boca” (CERVANTES, *apud* TAUNAY, p. 15). Pereira, o pai de Inocência, ao encontrar Cirino no caminho, fala sem parar, sem qualquer constrangimento, assim como Sancho, que admite ter um incontrolável prazer em fazê-lo quando encontra algum interlocutor. Sua garrulice dá ao segundo capítulo, bem como a vários outros, um tom cômico e leve que escamoteia a tragédia que as forças ocultas estão a engendrar. “A minha língua fica às vezes tão doida que se põe logo a bater-me nos dentes... que é um Deus nos acuda e... não há que

avisar: água vai! Por vezes já me tem vindo dano, mas que quer? É sestro antigo” (p.16-7).

A segunda citação de *D. Quixote*<sup>3</sup>, no capítulo XII, vincula-se à espontaneidade de Meyer que, ao conhecer Inocência, dá vazão ao seu encantamento, como o faz Sancho: “Quem, porém, mostrava mais surpresa e admiração era Sancho Pança. Nunca, em dias de sua vida, vira perfeição igual”.(CERVANTES, *apud* TAUNAY, p. 15). Esta espontaneidade, similar à da personagem de Cervantes, só se justifica visto ser Meyer um estrangeiro que conhece a rigidez dos costumes sertanejos no trato com as mulheres. “Estimo muito conhecê-la por ser a senhora filha de um amigo meu e prender a gente com o seu lindo rosto...” (p. 56). Esta é uma estratégia do enredo para que Pereira, tão cioso em relação à filha, canalize para o alemão as suas desconfianças e não perceba o romance entre esta e Cirino que, aliás, torna-se confidente do seu hospedeiro em relação às suas desconfianças para com Meyer. Como reza um velho provérbio: “de onde não se espera é que vem”.

No capítulo XX, há outra epígrafe de Cervantes, agora aplicável a Pereira, cuja desconfiança em relação ao estrangeiro aumenta a cada dia. Para ser gentil e por ter se surpreendido com a beleza da moça, Meyer está sempre a perguntar a Pereira notícias de Inocência, bem como a aludir à sua beleza. O mineiro interpreta estas perguntas como indicadores de segundas intenções e fica ainda mais alerta em relação ao estrangeiro. “Disse-lhe Sancho: Cada qual abra bem o olho e fique alerta, porque o diabo entrou na dança e se lhe derem ensejo, ver-se-ão maravilhas” (CERVANTES, *apud* TAUNAY, p. 88).

No III capítulo, há alusão a Ovídio – poeta latino – e a Pope, poeta inglês do século VIII, que se inspirou em Ovídio – e a Molière – autor francês, cujo olhar arguto desvelou o ridículo da condição humana. A citação de Ovídio refere-se à capacidade humana de semear promessas, mesmo que estas sejam vãs, visto que “a esperança, quando nela crêem faz ganhar muito tempo” (OVÍDIO, *apud* TAUNAY, p. 22). Há, ainda, no capítulo IX, outra citação de Ovídio, que tem estreita relação com a forte impressão que Inocência provoca em Cirino, visto que, após vê-la, este sente-se estonteado pela beleza e pela faceirice da moça, o que perturba seu sono e altera em definitivo os rumos da sua vida. Um leitor atento pode antever nesta epígrafe os rumos da relação entre o curandeiro e sua paciente:

<sup>3</sup> Todas as epígrafes de um mesmo autor serão analisadas após a primeira referência a este autor, independentemente da ordem dos capítulos nos quais as epígrafes foram transcritas.

Quem me poderá dizer por que me parece tão duro o leito? ... Por que passei esta noite que se me figurou tão longa, sem gozar um momento de sossego?... Surge a verdade: em meu seio penetraram as agudas setas do amor (OVIDIO, apud TAUNAY, p. 43)

A citação de Pope é que legar o dote a um gato ou algum colégio dá no mesmo, visto que, o que importa é o jogo das palavras e, finalmente, a citação de Molière (*apud* TAUNAY, p.22) “De todos os ofícios é este [a medicina] o preferível, porque, ou se faça bem ou mal, sempre no fim há dinheiro” é a que se aplica com mais precisão ao capítulo que se segue, visto que Cirino, embora não seja médico, se apresenta como tal. Segundo o narrador, sua escolha resulta do fato de que o doutor: “penetra no interior das famílias, verdadeiros gineceus; tem o melhor lugar à mesa dos hóspedes, a mais macia cama; é, enfim, um personagem caído do céu” (p. 25).

Taunay recorre às epígrafes para anunciar ao leitor sobre os falsos médicos, o que remete ao provérbio popular segundo o qual “de médico e louco todos temos um pouco”. O narrador constantemente imiscui-se na história, informando ironicamente ao leitor que Cirino é apenas mais um curandeiro que se auto-intitula médico. Molière, ainda sobre o mesmo tema, é citado no capítulo XVI. Já na epígrafe do capítulo XIX, há uma citação de *O amor Médico*, tema similar ao de *Inocência* e tanto para o teatrólogo francês quanto para Pereira a autoridade paterna é inquestionável. “Que queres que eu faça contra a autoridade de um pai? Se ele for inexorável aos meus pedidos? ...” (MOLIÈRE, *apud* TAUNAY, p. 85).

No IV capítulo há uma epígrafe de Walter Scott – poeta e romancista inglês do último quartel do século XVII e primeiro do século XVIII – cuja correlação entre o referido capítulo e o romance *Ivanhoé* vincula-se à forma hospitaleira de Pereira. “Está a ceia na mesa. Torne o bom acolhimento desculpável o mau passado” (SCOTT, *apud* TAUNAY, p. 25). Esta epígrafe é muito similar à forma popular com que as pessoas no interior de Minas Gerais, ainda hoje, recebem os visitantes, bem como à fala de Pereira: “Desculpe se não achar a comida do seu agrado” (p. 28). Walter Scott é, ainda, citado no capítulo VI, a propósito de Fenela, personagem que, como o anão Tico, remete à idéia de um ser em miniatura no qual há “extraordinária prontidão, fogo e atilamento” (SCOTT, *apud* TAUNAY, p. 33).

No capítulo X, a forma acolhedora com que Pereira recebe Meyer, em virtude deste ser portador de uma carta de Chiquinho – seu

irmão mais velho, do qual há anos não tinha notícias – é precedida de uma citação sobre o mesmo tema em Scott.

Aquele bom velho, cuja benévola hospitalidade não tinha limites, julgara do seu dever tratar do melhor modo possível a Waverley, fosse ele o último camponês saxônio... Mas o título de amigo de Fergus fê-lo considerar como precioso depósito, merecedor de toda a sua solicitude e da mais atenta obsequiosidade (SCOTT, *apud* TAUNAY, p. 46).

O capítulo XIX, no que se refere às adversidades do amor de Cirino e Inocência e, principalmente, à forma com que ela tenta dissimular este amor, se adequa à citação de Scott. “Apesar, porém, de jovem, apesar da violência do amor que a prendia a Julião, sabia ela conter os movimentos do coração e desconfiar de si mesma” (SCOTT, *apud* TAUNAY, p.85). Antes que o leitor se inteire da inquietude de Inocência, visto que a narrativa tende, sempre, a descrever a perspectiva de Cirino e os espaços pelos quais ele transita, deixando Inocência confinada ao espaço do quarto, e o leitor na ignorância do que se passa com ela, é possível depreender por esta epígrafe que também ela se encontra perturbada pela paixão, apesar da dissimulação inerente à sua condição de moça de família patriarcal.

O capítulo XXII, no qual Inocência encontra o noivo que retornou de viagem, e que ela, a despeito do temor ao pai e ao futuro marido, decide refutar, é precedido por uma oração, transcrita d’*Os dois desposados*, de Scott, que funciona como um prenúncio da sua luta inglória e da sua morte. “Santa Maria, advogada nossa, ouvi os rogos. Virgem pura, ante Vós se prostra uma infeliz donzela” (SCOTT, *apud* TAUNAY, p. 109). Esta prenuncia o temor e o desespero de Inocência, já que ela só pode contar com as forças divinas, uma vez que, aos olhos da sociedade – leia-se o pai e o noivo – ela estava errada e próxima a transmigrar da condição de casta donzela à de mulher perdida, a despeito de manter-se virgem. Prenuncia, ainda, sua morte, sobre a qual o narrador não se detém e da qual o leitor só é informado em uma nota de três linhas, inseridas após o final do romance.

No penúltimo capítulo, há uma longa transcrição de uma antiga comédia inglesa, citada por Walter Scott, que fala da expressividade dos olhos de uma criatura maravilhosa, mas sem voz, cujos olhos “cheios de eloquência, têm uma linguagem inteligível, embora falha de sons e palavras”(citado por SCOTT, *apud* TAUNAY, p. 118). Esta citação que abre o capítulo no qual Inocência sai de cena, é reveladora da condição feminina da personagem. Se, na citação de

Scott, a criatura maravilhosa fala com os olhos, porque não emite sons, no caso de Inocência, seus olhos desvelam o desespero daqueles que, a despeito de não ter problemas de fala, não têm voz no seu contexto social. Tema similar é abordado por Carlos Drummond de Andrade, na última estrofe do poema *Inscrição*: “Trágica três vezes [como menina, como moça e como mulher]/ três vezes muda / sem despedida; coragem”.(ANDRADE, 1992, p.516). Tanto em *Inocência*, quanto em *Inscrição*, a mulher sai de cena, muda como vivera, e seu fim se dá na solidão do recolhimento, como transcorreria sua vida. Esta condição é resgatada por Scott do arcaico contexto inglês, e retomada com precisão por Taunay no contexto brasileiro da segunda metade do século XIX.

No V capítulo, as epígrafes de Menandro – poeta cômico grego do século III a.C – a respeito dos filhos são idênticas à visão de Pereira a respeito de sua filha Inocência. A primeira epígrafe postula que: “onde há mulheres, aí se congregam todos os males a um tempo” (MENANDRO, *apud* TAUNAY, p. 29). Pereira afirma, a respeito da filha, “com gente de saia não há que fiar... Cruz! Botam famílias inteiras a perder, enquanto o demo esfrega um olho”. (p. 31).

Se, por um lado, as mulheres e, conseqüentemente as filhas, são a eterna fonte de preocupação e desgraça latente para a família, por outro, o amor aos filhos, bem como às filhas, cantado por Menando, “Filhos, sois para os homens o encanto da alma” (MENANDRO, *apud* TAUNAY, p. 19) é similar ao de Pereira por Inocência. “Pobrezinha... Tão boa, tão carinhosa ! E feiticeira!!! Não posso com ela... Só de pensar em que tenho de entregá-la nas mãos de um homem bole comigo todo” (p. 31). Portanto, há uma relação ambígua de Pereira em relação à filha. Enquanto representante do gênero feminino, como Eva e, principalmente, como Lilith, para o pai, Inocência representa aquela que “utiliza sua sedução (bela mulher de cabelos compridos) e sua sensualidade para fins destrutivos” (COUCHAUX, *apud* BRUNEL, 1997, p. 583). No entanto, quando ele se desarma de sua desconfiança em relação às mulheres em geral, e em relação à filha, em especial, seu amor aflora, apesar deste amor estar condicionado à obediência incondicional.

Menandro é, ainda, citado no capítulo XV, e, apesar de dois mil e cem anos separarem o poeta da personagem Pereira, a opinião de ambos a respeito das mulheres é idêntica, o que faz com que a citação fale pela personagem, enquanto arquétipo da mentalidade sertaneja ainda em vigor na época em que se situa o romance, 1860-1862. “Grande felicidade é ter um filho prudente e instruído: mas, quanto a filhas, é para todo o pai carga bem pesada” (MENANDRO,

*apud* TAUNAY, p. 66). Em contraposição ao peso de ter uma filha, o prazer de ter filho um também reiterado no romance.

A desconfiança em relação às mulheres será, sempre, uma constante na sociedade patriarcal e tem um amplo lastro na literatura, como atesta, por exemplo, a visão do narrador do conto *Desenredo*, de Guimarães Rosa, quando diz: “Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer” (ROSA, 1976, p. 38). Ou seja, em mulher não se pode confiar nunca.

A terceira epígrafe, é retirada da tragédia *Medéia*, cuja personagem protagonista, graças à sua independência de espírito e desejo de vingança, motivado pelo ciúme, destrói o marido Jasão, ao matar seus filhos e sua nova esposa. Portanto, desenvolver demais o espírito seria um mal e não um bem.

No VI capítulo, há uma citação de Henoch – patriarca bíblico, filho de Caim – que prenuncia o destino de Cirino, por este ter traçado seu destino ao conhecer Inocência. “Nesta donzela é que se acham juntas a minha vida e a minha morte” (HENOCH *apud* TAUNAY, p. 33).

A segunda epígrafe do quarto capítulo refere-se à obra *Os mestres gaiteiros*”, de George Sand – nome adotado por Aurore Dupin, escritora francesa, que teve grande influência intelectual no século XIX, para a qual a arte não deveria ater-se à realidade positiva, mas à busca de uma verdade ideal. A alusão a Sand indica que Cirino não verá Inocência como ela é, mas sim como uma mulher ideal, que encarnaria o sentimento amoroso, bem ao gosto romântico. “Jamais vira coisa tão perfeita como o seu rosto pálido, os seus olhos franjados de sedosos cílios muito espessos e o seu ar doentio” (SAND, *apud* TAUNAY, p. 33).

Esta citação, em sintonia com a visão de Sand em relação à busca pelo ideal, faz de Inocência uma espécie de perfeição estética idealizada, ante a qual não há como a sensibilidade de Cirino resistir. Até mesmo o racional naturalista francês se rende aos encantos de Inocência e, a despeito do seu racionalismo cientificista, homenageia-a, dando o seu nome à sua descoberta: a mais bela borboleta já vista. Cada um a seu modo, o moço apaixonado se rende e morre em nome deste ideal, enquanto o racional cientista o eterniza no *papilo*

*Innocentia*<sup>4</sup>. Para ambos, a moça encarna a perfeição. No entanto, enquanto o naturalista racional lhe rende homenagens, o homem apaixonado sucumbe ao amor.

O capítulo VII, que se atém à personagem Meyer – naturalista alemão, que terá um papel importante no enredo e que dá um certo tom cômico à narrativa, assim como seu criado Juca – é precedido pela citação do filósofo e patriota alemão August Heinrich Hoffmann. A filosofia de Hoffmann é similar à infinita paciência de Meyer ante as adversidades, tanto em relação à teimosia do seu criado Juca, quanto aos percalços na captura dos insetos. “A minha filosofia toda resume-se em opor a paciência às mil contrariedades de que a vida está inçada” (HOFFMANN, *apud* TAUNAY, p. 37). Também no capítulo IX há outra citação do mesmo autor, perfeitamente adequada ao tema que se segue, visto referir-se à visita de Cirino, como médico, ao quarto de Inocência. “Não tendes que labutar com doente muito grave, e eis o serviço que de vós espero” (HOFFMANN, *apud* TAUNAY, p. 43).

A citação a Xavier de Maistre – escritor francês do final do século XVIII, cuja obra *Viagem ao redor do meu quarto*, uma fantasia espiritual – “Sei sim, sei que é noite!” (MAISTRE, *apud* TAUNAY, p. 39), não tem uma ligação direta com o capítulo que se segue, a não ser pelo fato de Meyer e seu criado chegarem altas horas à casa de Pereira. Esta é uma citação que, fugindo à tendência geral do romance, é forçada e aponta para a erudição do autor e não diretamente para o texto, como as até então analisadas. Já no capítulo XVII, também de Xavier de Maistre, as epígrafes são relacionadas com precisão ao tema e apontam para a condição de proscrito, que acompanhou os leprosos da Antiguidade ao século XX, quando a hanseníase passou a ser uma doença tratável. Taunay transcreve a seguinte citação, retirada do livro *O leproso da cidade d’Aoste*, “O leproso. – Interesse? Ah! nunca inspirei senão compaixão... O militar. – Quão feliz fora eu se pudesse dar-vos algum consolo!...” (MAISTRE, *apud* TAUNAY, p. 77). O capítulo que sucede a esta citação é um dos mais comoventes do romance e os sentimentos do leproso e de Cirino são da mesma natureza dos contidos na epígrafe acima. Ou seja, a dor de Garcia – o leproso quem vem consultar Cirino sobre a possibilidade de contágio

---

<sup>4</sup> Também no romance *Luciola*, de José de Alencar, há uma referência entre um inseto, um pirilampo brilhante, e a protagonista Lúcia. No entanto, neste caso, a alusão tem, além da alusão ao brilho e à beleza, um cunho moral, que circunscreve a personagem ao pântano, à marginalidade e à exclusão social.

da doença – é a da solidão, resultante da repugnância que a doença inspira em todos, inclusive nos seus familiares. A de Cirino é ter que confirmar que não há cura para o mal e que este é contagioso. Garcia, após confirmar que está fadado à condição de proscrito, indaga de Cirino “– Agora, só quero saber uma coisa e vou-me de partida. Esse mal... pega, doutor? – Pega, afirmou Cirino com tristeza. (...) Meu Deus, balbuciou o morfético a meia voz, dai-me forças...” (p. 79).

O tema dos leprosos, ou morféticos, como eram chamados, é recorrente na literatura estando, inclusive, presente no Novo Testamento. Além de todas as dificuldades implícitas à doença, sempre pairou sobre esta um forte estigma de maldição que implicou a perseguição aos doentes. Há, em *Grande sertão: veredas* (1980, p. 372), um episódio, no qual Riobaldo, ao encontrar um leproso, está prestes a matá-lo, por nojo, quando Diadorin, com sua profunda piedade – tão grande quanto sua valentia e coragem – impede o assassinato.

No capítulo XI, a referência a Plauto – poeta cômico latino – é um culto à alegria. “Comam e bebam; nada de cerimônias comigo. Minha casa é franca: eu também. Façam provisão de alegria e de mim disponham sem constrangimento” (PLAUTO, *apud* TAUNAY, p. 52). O capítulo que sucede a esta epígrafe é de conagração entre Meyer – como se ele fosse o próprio irmão de Pereira, de quem fora emissário de uma carta de recomendação – e Pereira. Graças a esta carta, e às notícias, a refeição acontece em uma atmosfera festiva.

No capítulo XII, há uma citação do *Eclesiastes*, que prenuncia que Cirino está irremediavelmente enredado e inebriado de amor por Inocência e, com isso, perde o senso de realidade e do perigo implícito a esta paixão. Seu amor é como um visto, do qual ele não tem forças para se desprender. “Ao bálsamo, fazem as moscas, que nele morrem, perder a suavidade do perfume. Uma parvoíce, ainda que pequena e de pouca dura, dá motivo a não se ter com conta em sabedoria nem glória” (*Eclesiastes*, X, *apud* TAUNAY, p. 55). A referência ao *Eclesiastes* é mais um dos muitos prenúncios do fim trágico que aguarda os amantes.

A epígrafe do Príncipe de Ligne – militar austríaco de família nobre, brilhante e cosmopolita intelectual do século XVIII – capta com precisão a dubiedade na qual está pautado o enredo de *Inocência*. “Muitas vezes, somos iludidos pela confiança; mas a desconfiança faz que sejamos por nós mesmos enganados”. (PRINCIPE DE LIGNE, *apud* TAUNAY, p. 58). Esta é exatamente a situação do romance. Pereira é iludido por sua confiança em Cirino, ao qual confia suas desconfianças em relação a Meyer e seu temor equivocado de

que este esteja pretendendo seduzir Inocência. Obnubilado pela confiança em quem o engana e pela desconfiança em quem respeita sua casa e apenas admira, inocentemente, a beleza de sua filha, Pereira é duplamente traído por seus sentidos. Esta é, sem dúvida, uma das mais adequadas epígrafes do romance em relação à dubiedade do enredo e à traição dos sentidos.

O capítulo XIV é precedido por uma citação d’*O rei Lear*, de Shakespeare – um dos mais importantes dramaturgos desde o século XVI – no qual tem início a traição – resultante da paixão – de Inocência e Cirino para com o pai da donzela. Partindo da citação, é possível deduzir o quão traído e aviltado sentir-se-á o pai de Inocência, no futuro. “Há de o tempo desvendar o que hoje esconde a discreta hipocrisia” (SHAKESPEARE, *apud* TAUNAY, p. 61).

No capítulo XVIII, há um fragmento retirado de *Romeu e Julieta*, na clássica cena em que Romeu entra pela sacada no quarto de Julieta e, naturalmente, ocorre algo semelhante no romance. No capítulo XXIII há dois fragmentos de *Romeu e Julieta*, que precedem o capítulo no qual Cirino e Inocência trocam juras de amor e antevêm que sua história tende a terminar em desgraça. “Mas, que luz é essa que ali aparece naquela janela?” (SHAKESPEARE, *apud* TAUNAY, p. 80). Também é a luz, enquanto marca da passagem na noite, que, no capítulo XXIII, prenuncia as desgraças por vir. “Mais cresce a luz, mais aumentam as trevas das nossas desgraças”. (SHAKESPEARE, *apud* TAUNAY, p. 96). Como na peça, as personagens do romance se encontram durante a madrugada e, enquanto, na peça do bardo inglês, cantam as cotovias, no sertão de Taunay, são as aracuãs que “levantavam a sonora grita, e o macauã atirava aos ares os pios prolongados” (p. 99), anunciado a fatídica despedida do casal de enamorados que não mais se veriam. A fatalidade, em Shakespeare, é prenunciada pelo nascer do dia. Em *Inocência*, é representada por uma gargalhada e um fino assobio de mau agouro, prenunciando o trágico desenlace. Finalmente, no último capítulo, a citação da peça *Henrique V* prenuncia o assassinato de Cirino por Manecão, o noivo rejeitado de Inocência. “Estão contados os grãos de areia que compõem a minha via. É aqui que devo tomar. É aqui que ela há de acabar”. (SHAKESPEARE, *apud* TAUNAY, p.122). Portanto, Taunay cita *Rei Lear* para anunciar a traição, *Romeu e Julieta* para acentuar a tragicidade do amor impossível dos protagonistas e *Henrique V* para anunciar o assassinato de Cirino.

No capítulo XVIII há uma epígrafe de Bernardin de Saint-Pierre – escritor francês da última metade do século XVIII e início do século XIX, que fundou a imaginária república da Arcádia, foi discí

pulo de Rousseau e pregava que apenas da natureza pode vir a felicidade – retirada da obra *Paul e Virginie*, que se vincula ao estado de encantamento que acomete Inocência, estado este que lhe tira o sono e a deixa inebriada de uma sensação que ela não sabe explicar e de um abrasamento que a leva a abrir a janela e, conseqüentemente, encontrar-se com Cirino. Seu estado é tal qual o de Virgínia, citado pelo autor.

Entretanto, desde algum tempo, sentia-se Virgínia agitada de mal desconhecido....Em sua frente, não pousava mais a serenidade nem o sorriso lhe pairava nos lábios... Pensa ela na noite, na solidão, e fogo devorar a abrasa toda. (SAINT-PIERRE, *apud* TAUNAY, p. 80).

Como Virgínia, Inocência é acometida de um ardor amoroso que a leva a indagar: “porque estou aqui e sinto tanto fogo no rosto!... (...) Então por que fiquei ...*ansim*, que me não conheço mais?...”( p. 83) (grifo do autor).

Saint-Pierre volta a ser citado no capítulo XXI, quando Meyer descobre uma borboleta ainda desconhecida e dá à sua descoberta o nome de Inocência. Esta epígrafe, transcrita do livro *Harmonia da natureza*, retoma o tema da perfeição do mundo natural, presente na primeira epígrafe, transcrita da obra *Encanto e solidão*, de Rousseau.

O capítulo XXII, que trata da partida de Meyer e de seus planos de retornar para a Alemanha, é precedido de uma citação de Catulo – poeta latino de, aproximadamente, 50 a. C – perfeitamente sintonizada ao tema do retorno. “Adeus, pois amigos: bela companhia! Aos lares distantes cada qual de nós, por caminhos diversos deve um dia chegar” (CATULO, *apud* TAUNAY, p. 92). A despedida de Meyer tem este mesmo tom de alegria por voltar à pátria, mas também a certeza de que os tempos passados na casa de Pereira foram muito felizes, ainda mais que foi ali que ele encontrou a borboleta que lhe daria fama. Ele, sempre tão canhestro com as palavras, se despede com efusão e até uma certa dose de pieguice:

Sr. Pereira, meu amigo, adeus!... nunca mais nos havemos de ver... mas hei de lembrar-me do senhor toda a vida....Quando eu estiver na minha pátria, daqui a milhares e milhares de léguas...pelo pensamento recordarei os dias felizes... que aqui passei. (...) De todo o Brasil fica em mim a lembrança... mas desta sua casa... essa lembrança é mais viva e mais forte (p. 94).

A citação de Lavergne, no capítulo XXIV, é similar ao *frisson* que provoca a passagem de Cirino pela vila de Sant’Ana: “Debaixo do céu há uma coisa que nunca se viu: é uma cidade pequena sem falatórios, mentiras e bisbilhotices” (LAVERGNE, *apud* TAUNAY, p. 101). Esta referência remete à monotonia das pequenas vilas, onde nada acontece e a maledicência é instituída como “um esporte municipal”.

No capítulo XXV há uma citação de Madame Du Deffand – escritora francesa do século XVIII – que se ajusta ao estado emocional de Cirino durante a viagem à fazenda de Cesário, padrinho de Inocência, por ser este a última esperança dos apaixonados de que seu amor não termine em tragédia e morte. “Às vezes sinto necessidade de morrer, como pessoas acordadas sentem necessidade de dormir”. (DU DEFFAND, *apud* TAUNAY, p. 105). O narrador, ao descrever este estado, afirma que “a tristeza é uma vaga aspiração metafísica, uma elação inquieta e quase dolorosa acima da contingência material. A melancolia (...) aos poucos é que chega como efeito de fenômenos psicológicos a encadear-se uns nos outros” (p. 106).

A citação de Carlota Smith, no mesmo capítulo, desvela que a natureza é capaz de dissipar toda sorte de tristeza, “menos a perda da esperança” (SMITH, *apud* TAUNAY, p. 105) e é exatamente o que acontece com Cirino. Durante a viagem à fazenda de Cesário, a natureza plácida e monumental, por contraposição, acentua ainda mais seu atormentado estado de espírito. “A majestosa impassibilidade da natureza exasperava-o. Quando o homem sofre deveras, deseja nos raptos do alucinado orgulho, ver tudo derrocado pela fúria dos temporais, em harmonia com a tempestade que lhe vai no íntimo” (p. 107).

O capítulo XXVI, no qual é narrada a chegada de Manecão à casa de Pereira, com os documentos prontos a oficializar o casamento com Inocência, é precedido de uma citação de Horácio – poeta latino do final da Idade Antiga que, em suas odes, cantava a vida rústica como pré-requisito para a felicidade – na qual o poeta canta um momento jubiloso: “Assinalemos este dia entre os mais felizes; não se poupem ânforas; e, como Sális, descanso não demos aos nossos pés”. (HORÁCIO, *apud* TAUNAY, p. 107). A epígrafe jubilosa prenuncia o estado de encantamento de Manecão ao rever sua prometida, principalmente, por ter chegado a data do casamento.

Batia de impaciência o coração do capataz, e a lembrança da formosa noiva que o esperava, enchia-o de desconhecido alvoroço.

Também, por vezes, fugia-lhe do rosto o toque habitual de severidade e tênue sorriso afastando a custo os densos bigodes, lhe pairava nos lábios (p. 107).

Como indica a epígrafe, é grande a emoção de Manecão, a despeito da severidade e da excessiva macheza, o que acentua ainda mais sua frustração e desejo de vingança, em virtude da forma obstinada com que a noiva o recusa. Estes sentimentos violentos ainda são mais exasperados por Pereira, que implora ao pretendente de sua filha que vingue sua honra, enxovalhada por Cirino, em quem ele tanto confiara. “- Então, implorou Pereira, vá quanto antes limpar o meu paiol daquela gente...vá...” Limpar o paiol significa atribuir a Cirino a condição de rato que, como praga, usualmente ataca os paióis.

O capítulo XXVIII, no qual há uma epígrafe de Klopstock – poeta dramático alemão da segunda metade do século XVII, cuja obra *A Messiada* é uma exaltação mística e piedosa – prenuncia o estado de aniquilamento de Cirino ante a possibilidade de perder sua amada. “Ah! A perspectiva que pode mais docemente sorrir ao meu coração é a do aniquilamento” (KLOPSTOCK, *apud* TAUNAY, p. 112).

O capítulo XXX, intitulado *Desenlace*, é precedido pela já citada alusão a Henrique V, de Shakespeare, bem como por um fragmento do *Livro do Apocalipse*, de São João (*apud* TAUNAY, p. 123) “Eis que vi um cavalo amarelo, e quem o montava era a morte” e o cavalo de Manecão, para Cirino será a besta do apocalipse, na qual cavalga a sua morte.

Finalmente, no epílogo, também iniciado por uma citação de Horácio sobre o júbilo “possui-te de justo orgulho e coroem os louros de Apolo tua cabeça” (HORÁCIO, *apud* TAUNAY, p. 127), o alemão Meyer, dois anos mais tarde, em Magdesburgo, na Alemanha, recebe o reconhecimento público da Sociedade Geral Entomológica, pela descoberta do Papilo *Innocentia*. Enquanto a beleza da personagem Inocência é eternizada nesta homenagem, seu corpo jaz sobe o solo, de acordo com a lúgubre nota que encerra o romance: “Exatamente nesse dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue à terra, no imenso sertão de Sant’Ana do Paranaíba, para aí dormir o sono da eternidade”(p. 128).

Portanto, o júbilo prenunciado por Horácio não se refere às personagens, vitimadas pelas intransigências da moral patriarcal, mas a Meyer e à ciência. À Inocência resta o encantamento, tão ao gosto romântico, de ter morrido de amor. Também o corpo de Cirino jaz em uma cova, “sobre a qual se erguia uma cruz tosca feita de dois grossos

paus amarrados com cipós” (p.126), emoldurada pela grandeza da natureza sertaneja.

Em síntese, as epígrafes do romance *Inocência*, além de apontarem para a erudição de Taunay, estabelecem um amplo diálogo entre o Romantismo brasileiro e a tradição literária da Grécia à contemporaneidade, sendo que a maioria delas podem ser consideradas verdadeiros prenúncios do enredo, fundamentais à estratégia narrativa do romance.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- ALENCAR, José de. *Lucíola*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- BRUNEL, Pierre. (org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et. All. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- ROBERT, Paul. (Dir) *Le Petit Robert: dictionnaire universel des noms propres*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1995.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Tutaméia (terceiras estórias)*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- VISCONDE DE TAUNAY. *Inocência*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1991.